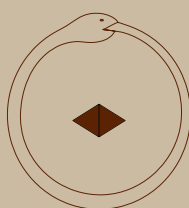


SEGUNDO RELATÓRIO
ESCOLAS VIVAS
Maio a julho de 2022
Cristine Takuaí



O QUE FOI FEITO EM CADA ESCOLA VIVA?

Relatos da coordenadora

SHUBU HIWEA

ESCOLA VIVA DO POVO HUNI KUIN

Responsáveis: Kawa e Dua Buse Huni Kuin

No mês de maio, conversei com Dua Buse e Kawa, explicando sobre a segunda parcela do apoio das Escolas Vivas e como será importante pensar o bom uso desse recurso, para que os trabalhos possam ser realizados. Também combinei com Kawa sobre a minha ida e a de Carlos Papá para o Jordão, Acre, para o encontro com Dua Buse, no dia 18 de maio. A atividade principal desse mês foi a viagem para conhecer a Escola Viva do povo Huni Kuin.

Visita à Escola Viva. Eu e Carlos Papá ficamos durante 13 dias mergulhados em diálogos e profundas reflexões. Chegamos dia 19 de maio no Jordão. Dormimos uma noite na casa do Kawa e seguimos viagem subindo o rio para encontrar Dua Buse. No caminho fomos parando em algumas aldeias. Na aldeia Nova Fortaleza, paramos para conhecer os pais de Kawa e sua comunidade. No dia seguinte, seria realizado um encontro sobre saúde na aldeia Novo Natal, com parteiras, agentes de saúde e pajés. Fomos também informados que, possivelmente, Dua Buse desceria o rio para esse encontro. Por esse motivo, tomamos a decisão de parar na aldeia Novo Natal para esperá-lo.

Foi muito emocionante estar em meio a esse encontro de saúde. A comunidade Novo Natal é muito abundante e tem uma sede de casa de essências. Fizemos muitas conversas e caminhadas na mata. Conhecemos Ozélia, uma rainha da floresta. No dia seguinte chegou Dua Buse. Conversamos, participamos do encontro junto com ele e no dia seguinte subimos o rio para a aldeia Coração da Floresta, nosso destino tão esperado.

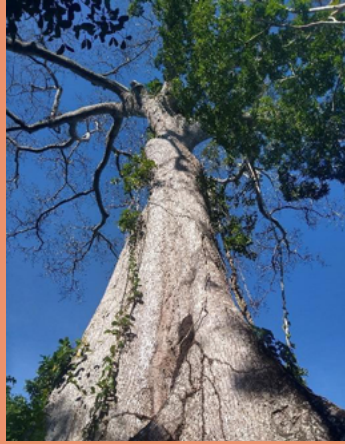
Quando chegamos lá, foi tudo muito emocionante. Ouvimos atentamente as histórias e pensamentos desse grande mestre da floresta. Durante a estadia no Coração da Floresta, Dua Buse nos relatou sua preocupação sobre a educação das crianças e dos jovens. Hoje, muitos acabam descendo o rio para o Jordão para estudar na escola dos *nawa* (não indígenas), como eles falam. No entanto, no pensamento dele, o ideal seria que seus parentes subissem o rio para estudar com ele na floresta. O fortalecimento das Escolas Vivas é um sonho antigo que ele carrega no coração. Carlos Papá deu oficina de como fazer armadilhas para pegar macuco e cotia com as crianças. Passamos dois dias lá e retornamos para a aldeia Novo Natal, onde aconteceria um encontro sobre a casa de essências.

Dua Buse listou algumas ações necessárias para equipar a Aldeia Coração da Floresta:

- Reforma do *Shubuã* (casa de reza e escola tradicional) no formato tradicional;
- Construção de um espaço para que possa receber as pessoas, fazer cantorias, reuniões e oficinas. Esse espaço ele solicitou que seja de telha e não palha, para que dure mais tempo, devido ao tempo de chuvas;
- Construção de uma casa com mais estrutura para ele e sua esposa;
- Instalação de internet na aldeia e reparos de manutenção na placa solar, para que facilite a comunicação e ele não precise ficar descendo o rio várias vezes para o Jordão;
- Construção de um poço artesiano para que as mulheres não precisem ficar indo toda hora no rio buscar água. Isso gera muitas dores nas costas e envolve até mesmo riscos de algum acidente, como recentemente ocorreu com sua filha que faleceu, ao cair com balde de água quando estava grávida;
- Realização de um encontro de professores Huni Kuin para que ele possa conversar, transmitir seus conhecimentos e refletir sobre a educação escolar indígena e a importância do fortalecimento dos saberes ancestrais de seu povo;
- Construção de um espaço para que seja o “Ponto de cultura”, com equipamentos como data show, caixa de som e computador para uso do professor;
- Construção de uma casa de hospedaria para os pesquisadores que chegam na aldeia para estudar com ele;
- Construção da “Casa de dieta”, para que possa receber parentes que o procuram para se curar e receber conhecimentos espirituais;
- Aquisição de um bote motorizado com cobertura de 9 m;

Também me pediu para que na volta eu procurasse pela professora Maria Almeida do LaBinter, para solicitar 10 cópias do “Livro Vivo” que foi realizado em 2012 junto ao pajé Agostinho.

Por fim, nos solicitou que nos organizássemos para retornar à aldeia Coração da Floresta junto a Anna Dantes, para que possamos aprofundar as conversas e acompanhar um pouco dos trabalhos realizados por ele em sua Escola Viva.



Imagens da passagem pela árvore samaúma na aldeia Nova Fortaleza e do encontro com Ozélia na aldeia Novo Natal. Fotos: Cris Takuá.



Imagens dos diálogos com Dua Buse na aldeia Coração da floresta e sobre as caminhadas para conhecer as medicinas. Fotos: Cris Takuá.



Imagens da oficina de Carlos Papá com as crianças para construção de armadilhas para pegar nambu e cotia. Fotos: Cris Takuá.



Imagens do encontro na aldeia Novo Natal sobre a Casa de Essências. Fotos: Cris Takuá.

No mês de junho, segui dialogando com Kawa e com Dua Buse para dar continuidade ao plano de estruturação da reforma do kupishawa, como uma casa de reza, da aldeia Coração da Floresta.

Dua Buse ficou mais uns dias no Jordão aguardando a chegada de sua esposa Teresa, que se encontrava na CASAI em Rio Branco para acompanhar a filha em tratamento médico.

Com os recursos que receberam em junho, Dua Buse subiu o rio para a Aldeia Coração da Floresta. Também compraram materiais como motosserra, gasolina, botas e facão para subir o rio e iniciar as roças e organização da aldeia.

Dua Buse está muito grato e feliz por todo apoio dado a ele.



Fotos de visita de Dua Buse a casa de Kawa para dialogar sobre as escolas vivas. Fotos: Kawa

No início de julho, fiquei umas duas semanas sem falar com ele, até que ele voltou para Jordão devido a um mal estar físico que vem sentindo há alguns dias.

Me relatou em 19 de julho que teve que comprar remédios e alimentos para família que está junto com ele no Jordão até que se recupere.

Conversei com Dua Buse dia 24 e 25 de julho, ele me relatou sobre seu problema de saúde, e eu aproveitei para convidá-lo a ir comigo e Papá na Conferência Indígena de Ayahuasca que será no Instituto do Benki Ashaninka, em setembro, no Acre.

APNE IXKOT HAMHIPAK ALDEIA ESCOLA FLORESTA DO POVO MAXAKALI

Responsáveis: Sueli e Isael Maxakali

No mês de maio, os responsáveis da Aldeia Escola Floresta deram sequência aos trabalhos de reforma, como encanamento da água, e a construção de um tanque para uso coletivo, este último com apoio do Instituto Federal de Minas Gerais. A chegada da internet facilitou os diálogos, e com isso estão conseguindo enviar fotos e vídeos dos processos comunitários.

Isael e Sueli conseguiram improvisar um espaço na aldeia que está funcionando como escola, e como lugar para oficinas de desenhos e confecção dos vestidos tradicionais. Passaram parte do mês se organizando para ir em junho ao Mato Grosso do Sul, numa aldeia Guarani Kaiowá onde vive o pai de Sueli. Ela tinha o sonho de encontrar o pai que é Kaiowá. Não se encontravam há 40 anos desde que acabou o Guarda Rural Indígena (GRIN), um treinamento para indígenas durante a ditadura militar.

Sueli ganhou um edital para produzir um documentário sobre o pai e sua história.

Há anos atrás, Isael Maxakali fez junto com Sueli um [filme](#) sobre esse duro período da ditadura militar para os povos indígenas.



Imagens da instalação de internet.

Foto: Sueli Maxakali



Imagens da Aldeia Escola Floresta. Fotos: Sueli Maxakali

No mês de junho, conversei com Isael, Sueli e Robertinho. Sueli relatou que todos estão muito empolgados com os avanços na organização da aldeia. Muitas coisas foram possíveis com o recurso das Escolas Vivas. Neste momento, estão se preparando para fortalecer os roçados e pensar caminhos para trazer a mata grande de volta: fazer reflorestamento.

Roberto me contou que eles improvisaram um espaço para assistir filmes, uma sala de aula e oficinas. O plano futuro é construir um espaço mais adequado.

O mês de junho foi muito concentrado na viagem ao Mato Grosso do Sul, ao município de Dourados na Aldeia Guyra Kambi'y do povo Guarani Kaiowá, para filmar o encontro com o pai de Sueli, Luis Anguja. Sueli não via o pai há 40 anos, devido às violências da ditadura militar.



Imagens que trazem relatos poéticos da vida Maxakali.



Imagens do espaço improvisado para aulas e encontros.



Imagens do encontro histórico de Sueli com seu pai kaiowá.

No início do mês de julho conversei com Sueli e ela me agradeceu muito o apoio à Aldeia Escola Floresta, que possibilitou tantas melhorias, como instalação da internet, compra da bomba d'água e a reforma de um espaço que estão usando como sala de aula.

Ela me contou que tem colocado o recurso na poupança, guardando assim uma parte para construir futuramente um espaço para oficinas.

Em julho, estavam se organizando para fazer roças. Estavam preparando a terra para plantar mandioca e arroz. Parte do recurso está sendo utilizado para comprar cestas básicas para as famílias, pois como ainda não tem roça grande, muitas famílias necessitam alimentos para o dia a dia.

No final de julho e início de agosto, começam a se preparar para o encontro de pajés que acontecerá em setembro.



Imagens do dia a dia na Aldeia Escola Floresta
Foto de Sueli Maxakali

PONTO DE CULTURA “MBYA ARANDU PORÃ” DO POVO MBYA GUARANI

Responsável: Carlos Papá

No início do mês de maio, Carlos Papá finalizou as filmagens no Rio Grande do Sul do longa-metragem “Jepota”, e voltou para a aldeia Rio Silveira.

Na primeira semana de maio aconteceu o último módulo do Grupo de Trabalho para criação das Diretrizes Curriculares para educação escolar indígena em SP. Eu, enquanto representante do FAPISP (Fórum de articulação dos professores indígenas em SP), fui umas das coordenadoras desse processo de luta. Foi um momento muito enriquecedor de muitas trocas e aprendizados.

Dos dias 7 a 9 de maio, recebemos alguns visitantes da aldeia Tekoa Porã, da capital de São Paulo, para intercâmbio com os jovens do nosso núcleo familiar. Seguimos fortalecendo os jovens com diálogos sobre as plantas mestras e com a realização de cerimônias com plantas medicinais.

Seguimos durante o mês apoiando os diálogos com o conselho Aty Mirim para criação do Museu das Culturas Indígenas em São Paulo, que nós chamamos de Tava (Casa de Transformação). Eu, enquanto diretora do Instituto Maracá, fiz as articulações com as lideranças indígenas das diversas regiões do estado para essa efetivação.

De 13 à 15 de maio, eu e Carlos Papá estivemos no Rio de Janeiro para o encontro “Beijo do Beijaflores”, junto com a equipe Selvagem e Ailton Krenak para dialogarmos sobre as escolas vivas e a vida.

No dia 18 de maio, embarcamos para o Acre, para ir ao encontro do pajé Dua Buse, no alto Rio Jordão, na aldeia Coração da Floresta. Dia 01 de junho chegamos em São Paulo depois de um longo mergulho dentro da floresta. Muitas foram as reflexões que afloraram em minha mente e em meu coração durante essa viagem. A relação entre a escola institucional e a urgente necessidade de fortalecer os saberes ancestrais e a fala, os conhecimentos dos mais velhos. A saúde que muitas vezes é buscada nos hospitais não é a ideal para os males espirituais. Passamos por muitas aldeias e as percepções eram muito semelhantes. Muitos anciãos e anciãs nos relataram suas preocupações em torno da Educação tradicional, o Ser e Estar nos territórios, que eu vejo como sendo o Teko Porã, a busca pelo Bem Viver, cada vez mais atravessada pela tecnologia, pelas drogas, pelo álcool, pela bíblia e pelos currículos das escolas. Se faz urgente a necessidade de parar e sentir o tempo e respeitá-lo.



Imagens da reunião do GT das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Indígena.



Imagens do intercâmbio com jovens guarani da aldeia Tekoa Porã.



Imagens da visita à aldeia Coração da Floresta no alto Rio Jordão, Acre.

No mês de junho, começamos a preparar espaços para os roçados de mandioca, milho e batata doce, que serão plantados entre agosto e setembro. O mês foi destinado à preparação da terra e limpeza do espaço.

Logo no início do mês, estivemos reunidos com jovens e lideranças para apresentar à Secretaria de Educação e ao Ministério Público Federal as diretrizes curriculares para educação escolar indígena em São Paulo.

Ao longo do mês, também estivemos em diálogos e reuniões constantes para a abertura do Museu das Culturas Indígenas na cidade de São Paulo (Tava, Casa de Transformação) na cidade de São Paulo. Este é um momento histórico da luta pelo respeito e reconhecimento dos povos indígenas no estado de SP.

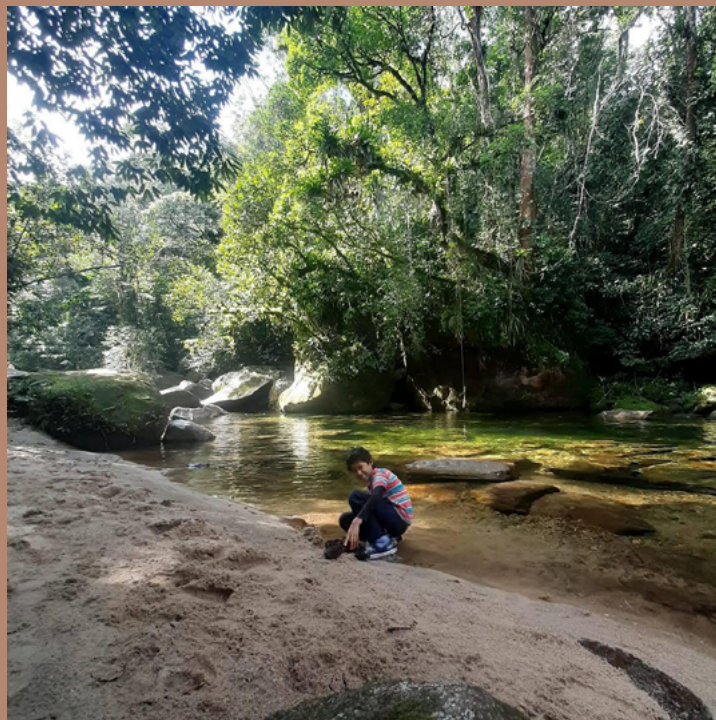


Imagens da aldeia Rio Silveira. Fotos: Carlos Papá



Imagens do Museu das Culturas Indígenas. Fotos: Carlos Papá

No início do mês de julho fizemos caminhada na floresta com algumas crianças para buscar remédios e sementes para plantar no viveiro. Fomos até a antiga aldeia em torno do Rio Silveira.



Imagens do dia a dia na Aldeia Rio Silveira. Fotos: Carlos Papá.

No dia 12 de julho, fiz um diálogo com uma jovem grávida que veio buscar orientação sobre o parto. Ela estava com nove meses. Fizemos uma pintura de urucum para proteção, cantei para ela e o nenê. Conversamos bastante sobre a importância de fazer o parto em casa ao invés de ir ao hospital. Quando cantava para o nenê senti ele se mexendo muito, já pressentia que em breve estaria chegando a hora. Na madrugada seguinte fomos chamados e o nenê nasceu.



Imagens de preparação para o parto e do nenê após nascimento. Fotos: Carlos Papá.

Há anos venho sonhando com o parto,
Sou mãe de dois filhos
Tive Ancestrais parteiras.
Penso e sinto o parto,
o vir ao mundo
Como algo muito sagrado
Habita no mundo espiritual
A força, concentração e fazeres milenares de um saber
tão precioso.

Rezar uma mãe grávida e ajudar que seu nenê venha
tranquilamente é um milagre da vida.

Não consigo entender porque todas não se permitem vi-
ver isso em sua completude.

O hospital é violento, não tem reza, não tem concentra-
ção, e muitas vezes submetem a mulher à cesárea sem
necessidade.

Já passou da hora de pararmos

Para refletir sobre o saber nascer....

Que Educação é essa que não fala de parto? Da vida? Da
morte?

Saberes ancestraisPor milhares e milhares de anos
dentro do escuro todas as mulheres, suas avózinhas tra-
ziam crianças ao mundo com cantigas rezadas e ervas
para acalmar, equilibrar e acompanhar esse momento
tão único e mágico na vida de uma mulher.

No dia 21 de julho, fomos convidados para dar palestra para equipe da SESAI e lideranças indígenas da TI Jaraguá, na cidade de São Paulo, sobre saúde mental e saúde tradicional. Foi um debate muito importante onde falamos do parto, do resguardo, das plantas medicinais, também falamos de depressão, suicídio, drogas e muitos desafios desse mundo não indígena que entrou nas aldeias. Compartilhamos um pouco das nossas práticas e pensamentos.



Imagens do intercâmbio na aldeia Jaraguá.

Foto: Cristine Takuá



Diálogos sobre saúde mental.

Foto: Carlos Papá

Visitamos a aldeia Tekoa Yvy Porã na TI Jaraguá para dialogar sobre o meliponário e pensar um intercâmbio com os jovens da nossa aldeia Rio Silveira. Márcio é liderança da aldeia e responsável por esse trabalho tão importante. Segundo ele, cuidar das abelhas é praticar a boa saúde. As abelhas cuidam da floresta, polinizam e compartilham suas medicinas. Estamos planejando entre agosto e setembro, quando iniciar o Ara Pyau, Tempo Novo Guarani, fazer uma roda de conversa na Escola Viva Mbya Arandu e produzir as caixinhas para começar a introduzir as abelhas nativas sem ferrão de novo em meio a floresta. Há anos atrás era muito fácil caminhar pela mata e ver abelhas jataí, mirim, mandaçaia. Hoje está ficando cada vez mais difícil. Precisamos cuidar da Nhe'ëry (Mata Atlântica)!



Imagens do trabalho de meliponário na aldeia Yvy Porã, Jaraguá. Fotos: Cristine Takuá

CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA “BAHSEKOWI” DOS POVOS TUKANO, DESSANO E TUYUCA

Responsável: João Paulo Barreto

No mês de maio, tive poucas oportunidades para conversar com João Paulo, pois ele estava viajando em intercâmbio na aldeia Tiriyo, onde não há bom sinal de celular. No entanto, quando voltou, ele disse que contou para a aldeia visitada sobre nossa rede de apoios e de toda luta de fortalecimento da educação e das transmissões dos saberes. João Paulo relatou que todos ficaram muito empolgados e decidiram fazer oficinas de plantas medicinais.

Ele também enviou alguns escritos sobre os seus pensamentos e trabalhos realizados no mês de maio. Aqui suas palavras:

Estudo da obra Omerõ. Em maio de 2022, os colaboradores do Bahserikowi começaram a estudar de forma mais profunda a obra *Omerõ*, livro que trata sobre o sistema de conhecimento *Yepamahsã* (Tukano) e as fórmulas de *Bahsesé* (benzimentos) de abrandamento da dor e cura de doenças. A obra é muito importante para a nova formação de especialistas que vão dar continuidade no cuidado da saúde das pessoas (população) com *bahsese* (benzimentos) e uso de plantas medicinais. O estudo dessa obra tem por objetivo entender e sistematizar o conteúdo de modo sintético, para a gravação de pequenos vídeos.

Nossas práticas de cuidado da saúde são vistas de forma folclorizada perante a sociedade. Acreditamos que aos poucos esse olhar vai ser desconstruído, para que possamos trazer o nosso conhecimento de forma essencial e que a sociedade possa conhecer as práticas de cuidado de saúde e a nossa cultura. Ao longo dos tempos, a sociedade não indígena criou um imaginário equivocado sobre vários povos indígenas e assim um olhar diminutivo.

Os *kumuã* (pajés) e grandes líderes têm a sensibilidade de nos apoiar nessa reconstrução, para mostrar às sociedades não indígenas que nossa medicina de cuidado da saúde é pautada por outra epistemologia e é válida tanto quanto outra medicina (como a conhecida enquanto biomedicina), assim como para mostrar aos próprios indígenas, que foram contaminados pelo “imaginário ocidental”.

Planejamento da publicação de livro infantil. Tivemos uma reunião muito importante com o objetivo de discutir a produção do livro infantil para publicação, como a melhor forma e a mais fácil de repassar o nosso conhecimento. Sob orientação do *kumu* Anacleto Barreto, a equipe está fazendo estudos de histórias de animais para elaborar textos e roteiros, focando nos princípios da fórmula da cura, para assim deixar o registro de nossos ensinamentos às novas gerações.



Imagens de diálogos no centro de medicina.

Fotos: João Paulo

Elaboração de Plano de oficinas sobre medicina indígena junto com a UNICEF. O Bahserikowi foi convidado pelo UNICEF para participar da promoção de oficinas sobre Medicina Indígena nos estados de Amazonas, Roraima, Pará e Maranhão. Com a experiência acumulada durante os cinco anos de fundação, Bahserikowi é o principal protagonista para promoção de oficinas em parceria com a FIOCRUZ/AM.

Durante o mês de maio, a equipe do Bahserikowi participou do “Plano de elaboração para o resgate das práticas de saberes e medicinas tradicionais” e de intercâmbio entre Bahserikowi e comunidades indígenas de outros estados e povos. As oficinas têm como objetivo a troca de experiência, a construção de diálogo para o fortalecimento das práticas de tratamentos de doenças com a medicina indígena, seus resultados e a divulgação de saberes indígenas.



Imagens de Participação em atividades e eventos. Fotos: João Paulo

Oficina de Grafismo. Bahserikowi vem dando atenção especial aos jovens indígenas que se identificam como parte do coletivo LGBTQI+ indígenas. A questão de LGBTQI + indígena parece ser ainda um tabu na política indígena. Os jovens que se identificam como membros desse coletivo muitas vezes são excluídos da própria família e sociedade.

Com o objetivo de dar apoio e fortalecer a luta dos jovens, no ano passado Bahserikowi realizou o primeiro encontro do coletivo LGBTQI + indígena. Nesse mês de maio de 2022, para dar continuidade ao apoio, foi realizada a oficina de grafismo indígena com o coletivo.

O intuito é de desenvolver os jovens na luta pelos direitos e formá-los para que eles comecem a se interessar e valorizar nossa cultura, já que muitas vezes os jovens são obrigados a negar a sua própria cultura e nossos conhecimentos pela pressão da exclusão.

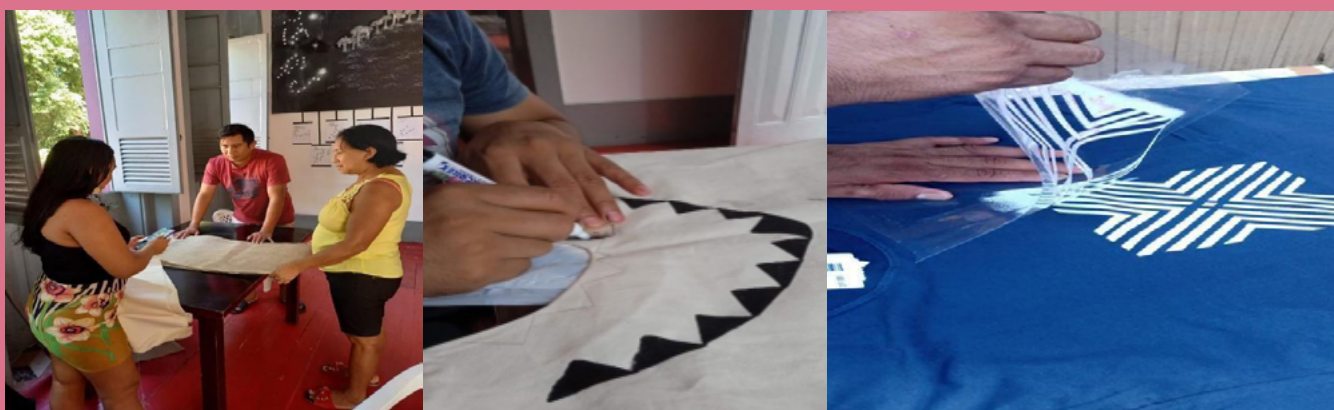
Começamos com oficina de grafismos pois entendemos que é muito importante que os jovens saibam as origens dos grafismos, seus significados e sua importância enquanto pintura corporal para a proteção do corpo. Também percebemos que todos os jovens gostam de fazer tatuagem. Nesse sentido, as informações sobre grafismo são de suma importância para eles entenderem e pintarem como proteção dos seus corpos, sabendo seus significados para nossas vidas e assim lutar para preservação da nossa cultura e do nosso território.



Práticas culturais com grafismos com os jovens.

Fotos João Paulo

Produção de camisas e bolsas com grafismo indígena. Foram feitas atividades de produção de camisas e bolsas com grafismo com o intuito de gerar renda para os familiares, associados e colaboradores do Centro de Medicina Indígena – Bahserikowi. Atualmente, com o apoio, seguimos fortalecidos, atingindo também mais pessoas para que conheçam nossa cultura e nossa ancestralidade.



Imagens de atividades no centro de medicina. Fotos: João Paulo.

Oficina de plantas medicinais na aldeia Urunai no Parque Tumucumaque, no Amapá. O coordenador do Bahserikowi foi convidado para participar da oficina sobre plantas medicinais na região oeste, no Parque do Tumucumaque. Na oportunidade foram apresentadas as experiências de cinco anos do Bahserikowi, com objetivo de motivar as iniciativas dos parentes sobre o uso de plantas medicinais.



Atividades de oficina de plantas medicinais
Fotos: João Paulo.

Ao longo do mês de junho, conversei algumas vezes com João Paulo. Ele relatou a alegria e empolgação que se encontram os *Kumuã* (pajés) com o apoio financeiro dado ao Centro de Medicina Indígena – Bahserikowi.

Seguem algumas das atividades por eles realizadas pelas palavras de João Paulo Barreto:

V Aniversário do Centro de Medicina Indígena - Bahserikowi. No mês de junho, o Bahserikowi completou cinco anos de fundação. Foi a comemoração da luta e resistência, com o intuito de desconstruir o imaginário que a sociedade não indígena tem em relação aos povos indígenas. Foram dois dias de atividades, onde foram feitas roda de conversa, falando sobre os cinco anos de trabalho com o atendimento dos kumuã, com pacientes indígenas e não indígenas para tratamento a saúde. Durante o evento, tivemos a participação dos jovens indígenas fazendo pinturas corporais aos convidados, colocando em prática o que aprenderam durante as oficinas desenvolvidas ao longo dos últimos cinco anos. Houve um momento cultural de apresentação de KARIÇU e MAWACO, com o mestre e jovens, que também aprenderam nas oficinas realizadas no Centro. Também houve degustação de comidas e bebidas típicas.

O evento foi uma amostra dos resultados que foram desenvolvidos durante cinco anos. Nós acreditamos na nossa potencialidade, ainda mais com apoio da Associação de fomento ao empreendedor sociocultural de educação, que colabora para reunirmos mais jovens e para realizarmos mais rodas de conversas. O objetivo é incentivar ainda mais para fortalecer a nossa cultura, e que os jovens não deixem sua cultura de lado. Também queremos produzir livros, cartilhas de informação e cartilhas educativas, de acordo com a nossa cultura e nosso modo de vida. Com isso, vamos mostrar para a juventude a importância da valorização da cultura, como a nossa medicina é muito importante não só para não indígenas, mas também para nós indígenas. Nossa forma de curar e as nossas fórmulas medicinais que nós chamamos de bahsesé. É nosso desejo que essas duas medicinas possam trabalhar em conjunto para cuidar da saúde da população de modo geral.



Imagens da articulação com as instituições. Fotos: João Paulo.

Visita ao Centro de Biotecnologia da Amazônia. Em junho também visitamos o CBA - Centro de Biotecnologia da Amazônia, onde tivemos troca de experiências. Esse trabalho foi feito pela equipe do Centro de Medicina Indígena - Bahserikowi e a equipe de pesquisadores que atua no CBA. A troca de práticas de produção de remédios é uma possibilidade para mostrar nossos conhecimentos medicinais, possibilitando futuras parcerias e produção de remédios com dois modelos de conhecimentos, utilizando as espécies a favor da cura das doenças e fazendo uso e manejo da floresta da melhor forma: cuidando e mantendo a floresta em pé.



Atividades realizadas junto ao centro de medicina. Fotos: João Paulo.

Entrevistas. No mês de junho, recebemos a visita de uma jornalista de São Paulo. Ela conversou com Ivan Barreto, um dos fundadores do Centro de Medicina Indígena – Bahserikowi, sobre a fundação do centro, sua importância e sobre o *bahsesé*. Outro assunto que conversaram foi sobre como é feita a formação dos especialistas, e como os jovens atuais estão agindo e lidando com os conhecimentos ocidentais em relação aos conhecimentos indígenas. Nestes últimos anos, o desinteresse dos jovens em relação ao *bahsesé* está aumentando e eles acabam deixando os saberes do seu povo para focar nos saberes ocidentais por motivos financeiros.



Atividades feitas no dia a dia. Fotos: João Paulo.

No aniversário do Centro de Medicina Indígena – Bahserikowi também tivemos a importante participação dos dois *kumuãs*, Anacleto do povo Tukano e Duvalino do povo Desana, além dos especialistas do centro. Ao longo desse mês de junho mantivemos os atendimentos, já que é nosso foco o cuidado da saúde da população. Na roda de conversa com os especialistas, eles trouxeram suas palavras e nos falaram da importância de cuidar do corpo (*bahsesé*), suas experiências e conhecimentos.



Dia a dia no centro de medicina. Fotos: João Paulo.

Participação de eventos do Coordenador do Bahserikowi. Apesar de que ainda não há muito movimento de atendimento à saúde pelos *kumuã* (pajés), o Centro de Medicina Indígena - Bahserikowi atingiu o nível de reconhecimento de público e estamos recebendo intensamente convites para palestras e trocas de experiências.

Nós sempre acreditamos que o Bahserikowi seria o ponto motivador para outras regiões, e hoje, completando cinco anos de fundação, acumula uma experiência de luta e protagonismo. Esse apoio que recebemos das Escolas Vivas é um recurso financeiro que nos permite manter a casa, os *kumuã* (pajés) e jovens colaboradores. Isso nos possibilita “voar”!

Intercâmbio de experiência de Medicina Indígena com os estudantes da Universidade Nacional de Colômbia – Letícia. O Coordenador do Bahserikowi foi convidado como antropólogo pela Universidade Nacional da Colômbia, para compartilhar o sistema de conhecimento indígena com os alunos indígenas da Universidade.



Intercâmbios e atividades. Fotos: João Paulo.

Participação no 15º Congresso da Rede Unida - Fórum Povos. O Coordenador do Bahserikowi foi convidado para falar sobre a experiência de cuidado de saúde das pessoas com atendimento dos kumuã e uso de plantas medicinais.



Atividades realizadas. Fotos de João Paulo

Primeiro Encontro Internacional sobre saúde indígena do Estado do Acre. A Secretaria de Saúde do Estado do Acre convidou o Bahserikowi para compartilhar a experiência de cuidado de saúde das pessoas com medicina indígena, isto é, atendimento dos kumuã e uso de plantas medicinais, juntamente com outros povos do Estado.

No início de julho, João Paulo entrou em contato e compartilhou um material que ele gostaria de publicar: “O duelo do Pica-pau e do Martim pescador”. Eu e Anna havíamos conversado com ele por telefone no final de junho sobre esse material, quando estávamos juntas em São Paulo. No dia 11 de julho, João Paulo me contou que estava voltando de sua comunidade em São Gabriel e agradeceu muito o apoio dado aos trabalhos dele.



Imagens da visita na aldeia em São Gabriel. Foto: João Paulo.



Imagens da visita na aldeia em São Gabriel. Foto: João Paulo.

No dia 25 de julho, João Paulo me enviou um relato dos últimos trabalhos realizados no mês de julho por ele e seu grupo. São as palavras dele:

Lançamento do livro do Dr. João Paulo Barreto. No dia 16 de julho, tivemos um evento importante que foi o lançamento do livro de minha autoria, Yupuri Dr. João Paulo Barreto, *O mundo em mim, uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro*. Foi um momento marcante e de grande conquista. Esse livro foi um resultado de uma caminhada durante cinco anos, compartilhando o conhecimento entre três povos: Tukano, Desana e Tuyuka. Nesse evento, foi realizada uma roda de conversa, onde falei sobre o livro, a importância do cuidado do corpo, da medicina indígena e as experiências da luta dos povos indígenas. Ver de perto como a nossa medicina continua seguindo nessa luta, apesar de difícil, já é uma oportunidade de seguir firme.



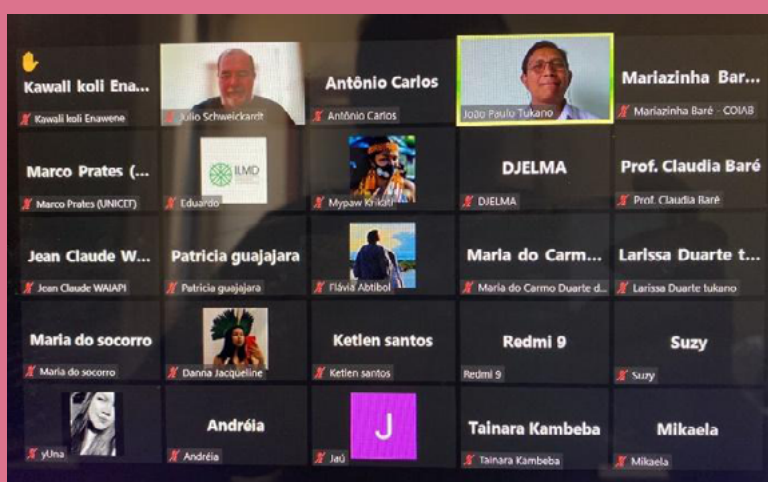
Atividades realizadas no dia a dia do centro de medicina. Foto: João Paulo.

Visita da UNICEF e Makira E'ta. No decorrer do mês de julho, recebemos a visita da UNICEF Manaus e Makira E'ta. Nesse encontro, foi discutido a medicina tradicional, medicina indígena e cuidados durante a pandemia de Covid-19, assim como a experiência compartilhada entre o Centro de Medicina Indígena – Bahserikowi e a organização Makira E'ta (Mulheres Indígenas do Amazonas). Essa experiência vivida e as trocas foram sobre formas de cuidados dos pacientes com Covid-19, junto com os *kumuãs* fazendo *bahsesé*, e as plantas medicinais utilizadas para a cura.



Imagens de visitas recebidas no centro de medicina. Fotos: João Paulo.

Oficina com Jovens Comunicadores Indígenas. A oficina foi realizada com a temática de “Medicinas Indígenas”, onde eu, João Paulo Barreto, fui palestrante. O evento aconteceu de forma virtual, visando a formação de práticas de medicina indígena para jovens comunicadores indígenas. Durante a oficina foram abordados diferentes aspectos das narrativas através de ferramentas de comunicação, assim como a prática de cuidados de saúde e cura dos povos indígenas. Foi falado sobre a importância do *kihti ukuse* (narrativas míticas), do *bahsesé* (benzimentos) e do *bahsamori* (rituais), três conceitos fundamentais do conhecimento prático-científico dos povos indígenas, e também do uso de plantas medicinais e enfrentamento à Covid-19.



Registro da oficina. Foto: João Paulo.

Este relatório conta com a colaboração de Anai Vera.

Sou CRISTINE TAKUÁ, povo Maxakali, educadora, mãe, parteira, pensadora, gosto de cuidar das plantas e aprender com elas. Sou diretora do Instituto Maracá e venho junto com outras lideranças desenvolvendo projetos de fortalecimento cultural. Estudei Filosofia na Unesp de Marília e venho ao longo de anos pensando nas filosofias ameríndias e nas possibilidades de descolonização do pensamento, para contrapor a monocultura colonial que domina as formas de transmissão de conhecimento. Sou uma das fundadoras do Fapisp (Fórum de articulação dos professores indígenas de SP). Cuido do diálogo com as quatro escolas vivas, pensando em intercâmbios e contribuindo para a continuidade desses sonhos.

A SAÚVA é uma associação sem fins lucrativos, que trabalha em rede, na promoção da sustentabilidade, autonomia e circularidade de projetos e empreendimentos; se motiva pela regeneração do ambiente em sua integralidade; pela redução da desigualdade social; pela troca de saberes com povos e culturas tradicionais do Brasil; pela prática da auto-educação e pela cocriação de outras formas de relação econômica.

ANAI G. VERA BRITOS é paraguaia e mora no Brasil. Estudou biologia na UFMS, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela UFSC. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela USP. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sul-americanas. Sonha com contribuir como enlaçadora e tradutora de mundos.

Contato: anaivera@usp.br

SELVAGEM

ciclo de estudos sobre a vida

oferece gratuitamente cadernos, conversas, ciclos de leitura e audiovisuais .

Seu interesse e participação dão sentido e motivam nossa existência.

Caso deseje retribuir às atividades oferecidas,
sugerimos apoio às Escolas Vivas.